

A utilização responsável da internet na educação

Solange Lima



O acesso à web (internet) e ao ambiente virtual foi facilitado enormemente com a difusão dos laptops. Com isso, aumentaram o volume de usuários e as oportunidades para o ingresso na rede mundial — ainda mais ampliadas através do acesso pelos celulares. Hoje, não nos damos conta, mas estamos mais presentes nos ambientes virtuais do que nos presenciais. Segundo o pensador francês Pierre Levy, a cultura digital coloca outros desafios para nossa reconfiguração como seres sociais e individuais.

Qual a situação de nossos alunos no âmbito dessa reconfiguração? Eles já são seres digitais e frequentam outro ambiente, não presencial, de difícil monitoração. Ferramentas como os fóruns de debate, os blogs, o orkut e, agora, o twitter foram, gradualmente, retirando dos professores a capacidade de controle do desenvolvimento e da formação dos alunos. Essa realidade põe uma questão preocupante, além da expressão da individualidade e da privacidade: somos todos “seguidores” de alguém no twitter. Porém, ser seguidor significa admirar uma filosofia, um pensamento, um comportamento. Só quem tem senso crítico mais precavido se deixa afetar menos por tal tendência.

Precisamos entender as diversas questões envolvendo o uso da internet a fim de podermos tomar posição a esse respeito. A internet é um ambiente por onde circulam informações, conteúdos e pessoas, e, conseqüentemente, deveria estar sujeito a regras, normas e ética. Sendo um espaço democrático, abriga, indistintamente, elementos bons e ruins. À escola cabe trabalhar o senso crítico do estudante e tratar de agregar essa preocupação ao seu projeto político-pedagógico. Diante de uma multiplicidade de conteúdos, os alunos precisam saber escolher, comparar, selecionar, agrupar — exatamente o que dizia Jean Piaget. Como educadores, tratamos de algo não estranho ao nosso universo e devemos apenas atualizar esse conhecimento.

Em se tratando de um ambiente frequentado por muitas pessoas, a internet abriga tanto pessoas ocupadas com pesquisas sérias, quanto indivíduos pouco confiáveis e malandros. Os educadores, na condição de orientadores, cumprem uma função essencial na formação de pessoas e cidadãos críticos compromissados com a realidade em que vivem. O ensino não pode prescindir do ambiente virtual, uma vez que oferece acesso facilitado de conteúdo de qualidade e validado por instituições de credibilidade e amplia a possibilidade de construção do conhecimento.

O domínio da tecnologia e seu uso de forma responsável e ética é um diferencial desejado para o cidadão, o profissional e, enfim, o homem da nova sociedade. Educar na sociedade da informação não significa apenas investir em aparato tecnológico e ensinar a usá-lo. Não adianta o jovem saber como utilizar a ferramenta digital, sendo, antes, essencial educá-lo sobre como usá-la de maneira responsável, ética e segura. É dever do educador orientar para o uso correto da rede, indicando as conseqüências da utilização inapropriada, não só para o indivíduo, mas para a sociedade.

Em pesquisa realizada por uma ONG defensora dos direitos humanos, mostra-se que 33% dos 2.200 estudantes entrevistados têm um amigo que já sofreu “bullying” na internet. Além desse tipo de humilhação — agora também denominado “cyberbullying” —, a rede mundial contempla uma série de outros riscos aos jovens desavisados: acesso a conteúdos impróprios a menores, plágio, pirataria, mensagens dúbias oferecendo vários tipos de produtos, links para sites ilícitos, pedófilos, seqüestradores, uso indevido de nome e marcas, etc. Nossa função enquanto educadores é alertar para o uso responsável dessa importante ferramenta do conhecimento.

As escolas têm independência para advertir, suspender ou expulsar alunos em casos de agressão à honra de outros alunos ou professores na internet, e desobediência ao uso da internet dentro da instituição de ensino, desde que assim esteja inscrito no regimento escolar. Curiosamente, tanto os educadores quanto os pais não comentam com os jovens a respeito dos riscos de crimes no uso da internet. Muitos de nós sequer têm conhecimento desse assunto para alertar seus filhos quanto a tais ameaças.

A faixa etária entre 6 e 14 anos representa 12% do total de usuários da internet brasileira, equivalendo a 5 milhões de internautas. No Rio de Janeiro, o acesso à rede mundial começa muito cedo: 64% dos usuários contam entre 10 e 13 anos, e 26% se situam entre 5 e 9 anos de idade. E mais: 27% dos entrevistados na pesquisa antes mencionada disseram que aprenderam a usar a internet sozinhos, ao passo que 21% obtiveram a ajuda de amigos. Tudo ocorre sem qualquer orientação de pais ou professores, o que causa grande preocupação quanto ao tipo de “ajuda” que as crianças e jovens encontram na internet.

A sociedade já se mobiliza para dar conta da problemática do livre acesso dos jovens à internet. O Comitê para a Democratização da Informática lançou uma cartilha com conselhos para a navegação segura na rede mundial. Mas a internet não é uma vilã. Ao contrário, no campo educacional, por exemplo, o trabalho pedagógico e informativo foi muito enriquecido com a sua utilização, abrindo imensas possibilidades. Dimensões fundamentais da escola como conteúdos, comunicação, interação e formação conheceram grande impulso ao se usarem as ferramentas da internet.